

PARA ALÉM DA HISTÓRIA NACIONAL



Conferência anual “Os Futuros da História”

Instituto de História Contemporânea

NOVA FCSH | Edifício ID, Sala Multiusos 2

14 de Julho de 2017

PROGRAMA

Partindo de um conjunto de temas familiares da historiografia portuguesa, este encontro procurará alargar esses temas a um contexto transnacional. Nesse sentido, “Para além da história nacional” será uma oportunidade para discutir os limites de uma historiografia limitada ao quadro nacional e refletir sobre a posição do caso português numa história global.

9h30/11h

"No meio do caminho tinha uma pedra: para uma história transnacional do modernismo", Joana Cunha Leal (IHA – NOVA FCSH)

“Da vida privada das estrelas de Hollywood”, Luís Trindade (*Birkbeck, University of London*, IHC – NOVA FCSH)

11h30/13h

“Império? Que império?” Algumas notas sobre a transnacionalidade na historiografia da “expansão portuguesa (1970-2017)”, Zoltán Biedermann (*University College London*)

“Por uma história transnacional dos nacionalismos”, José Neves (IHC – NOVA FCSH)

14h30/16h

“PREC como evento mediático global. Uma reflexão a partir do caso espanhol”, Rita Luís (IHC – NOVA FCSH)

“As Influências dos Ausentes”, Victor Pereira (*Université de Pau et des Pays de l’Adour*)

16h30/18h

“El espejo internacional de la modernidad policial portuguesa”, Diego Palacios Cerezales (*University of Stirling*)

“Riscos, Obrigações e Direitos: Re-pensar as relações entre Estado e Sociedade no Século XX Português em perspectiva transnacional”, Pedro Ramos Pinto (*University of Cambridge*)

Resumos

"No meio do caminho tinha uma pedra: para uma história transnacional do modernismo", Joana Cunha Leal (IHA – NOVA FCSH)

Do modernismo nas artes visuais poderá dizer-se, sem grandes hesitações, que foi um fenómeno global, no sentido em que os problemas que se colocaram à criação artística por via da recusa da norma da representação ilusionista tiveram repercussões por toda a parte. Do ponto de vista das historiografias nacionais, o fenómeno global do modernismo dificultou muitíssimo apropriações nacionalistas, mas criou um outro problema que decorre do facto da sua propagação ter sido medida e hierarquizada verticalmente a partir de focos centrais de irradiação bem conhecidos. Isto acontece porque Paris, Berlim, Moscovo são menos tomados como centros de irradiação de uma crise transnacional da representação, mas mais como centros invenção do que se viria a definir como destino elevado da arte moderna, i.e. como conquista da abstracção. A questão para a historiografia passou, assim, a ser a da distância, temporal e geográfica, que se interpõe entre esses eixos centrais em que o modernismo se cumpre como abstracção, e as periferias que o recebem e, para o melhor e o pior, dele se aproximam. Esta distância mede, bem entendido, pertinência e valor estético do que se tomam por reverberações periféricas do modernismo. Que a medida decorra de uma sinedóque que ocorreu a montante - a redução do modernismo ao canon do seu putativo destino - pouco importa.

Quer isto dizer que a história da arte converteu o modernismo num canon, um canon que se ancora no tempo mas não no espaço, e que por isso só sobrevive numa narrativa histórica formalista capaz de naturalizar a noção de autonomia da arte. No mesmo sentido, as histórias nacionais, onde uma maior atenção ao lugar de produção é exigida, não podem ser senão histórias de perda, construídas por noções como "atraso", "falha", "distorção", "influências", "estamos-quase-lá-mas-ainda-não".

Construir uma história transnacional do modernismo, implica assim dois movimentos: desmistificar a narrativa modernista canónica e reconstruir o olhar sobre os locais de produção. Ou seja, implica redescobrir o local, e o nacional, para lá do estigma da falha e das hierarquias pré-definidas, e reinstaurar o sentido plural que o combate pela libertação da representação dos constrangimentos do ilusionismo assumiu desde o início. Implica também recuperar os termos des-hierarquizados, horizontais, em que a relação entre o local, mesmo o mais excêntrico, e os centros de irradiação consagrados foi equacionada pelos próprios artistas, como foi o caso, em Portugal, dos projectos da *Corporation Nouvelle* que mobilizaram pintores como Amadeo de Souza Cardoso, Eduardo Viana, Almada Negreiros e Robert e Sónia Delaunay. O caso da *Corporation Nouvelle*, surge aqui como "pedra no caminho" que, por paradoxal

que possa parecer, faz com que olhar o chão nacional seja o primeiro passo para a construção de uma abordagem transnacional.

“Da vida privada das estrelas de Hollywood”, Luís Trindade (Birkbeck, University of London, IHC – NOVA FCSH)

As transformações culturais na Europa do pós-guerra são normalmente contadas – pela história cultural, sobretudo – através do prisma da americanização. No contexto do apoio norte-americano à reconstrução europeia, as estruturas da indústria cultural com origem nos Estados Unidos teriam conseguido controlar os mercados europeus (e os seus espaços públicos), impondo a circulação das suas imagens e sons. As versões mais propensas a esta narrativa historiográfica vêm na mundialização da cultura popular americana (de que Hollywood é normalmente usada como sinédoque) uma versão particularmente insidiosa da teoria do Imperialismo económico que guiou boa parte das leituras do capitalismo durante a Guerra Fria à escala mundial, se não mesmo o ponto em que as consciências no Ocidente são finalmente colonizadas pela cultura de massa, um momento de viragem para a pós-modernidade. Nesta comunicação, procuraremos abordar a narrativa da americanização cultural europeia através de dois gestos críticos: em primeiro lugar, procurando situá-la num campo de lutas em que as indústrias culturais dos EUA encontram resistências por parte de culturas locais, ainda que muitas vezes partilhando as mesmas formas e imaginário; em segundo lugar, procurando verificar os modos como aspectos menos directamente políticos como as formas de vida privada veiculadas pela imagem das estrelas de Hollywood produzem efeitos de banalização subversivos em várias sociedades europeias. Mais concretamente, a intensa circulação de imagens e narrativas acerca de actrizes de Hollywood não se limitam a transformar figuras como Ingrid Bergman ou Marilyn Monroe em grande ícones da época, indo mais longe na identificação dos seus modos de vida com a própria interiorização de um processo histórico progressivo em sociedades conservadoras.

“Império? Que império?” Algumas notas sobre a transnacionalidade na historiografia da “expansão portuguesa (1970-2017)”, Zoltán Biedermann (University College London)

Como é que em Portugal se chegou, quatro décadas volvidas sobre o 25 de Abril e após uma vaga sem precedentes de projectos de investigação de grande qualidade, a um ambiente de nostalgia colonial generalizada, onde publicações académicas compartilham com romances históricos o fascínio renascido pelo ideário lusotropicalista do século passado? Esta apresentação explorará o florescimento, na década de 80, de uma historiografia chamada “lusó-asiática” que combinou no seu seio dois aspectos aparentemente contraditórios: por um

lado, uma narrativa acrítica em relação aos aspectos mais nefastos da “expansão”; e por outro, um método assumidamente transnacional, cosmopolita, e precursor da chamada “*connected history*” que hoje domina a historiografia global. Consideraremos depois um segundo paradoxo: como é que a formulação de uma resposta crítica a esta historiografia se viu ela própria acusada de defender uma posição nacionalista. Em última análise, a questão que se coloca é até que ponto estes dois paradoxos revelam uma dificuldade mais ampla da sociedade portuguesa em formular um discurso simultaneamente crítico do império e liberto do fantasma da nação.

“Por uma história transnacional dos nacionalismos”, José Neves (IHC – NOVA FCSH)

Durante mais de um século, a disciplina da História tomou a nação como um dado inquestionado e a prática da História Nacional deu-se como uma naturalidade. Entretanto, a nação e a identidade nacional tornaram-se objecto de vários exercícios analíticos tendentes a sublinhar a historicidade do fenómeno nacional. Entre outros efeitos, estes exercícios levaram a tentativas de renovação dos modos de realização da História Nacional. Atendendo ao contexto historiográfico português, esta comunicação pretende, num primeiro momento, discutir os limites de tal renovação, para argumentar, num segundo momento, que tais limites são afins ao modo como a própria história do processo de construção da identidade nacional tem vindo a ser desenvolvida em Portugal. Exemplificativamente, discutiremos aqui tanto a História de Portugal coordenada pelo historiador Rui Ramos como os estudos sobre identidade nacional realizados por José Manuel Sobral. Finalmente, num terceiro momento, e a contra-exemplo, apontaremos ao modo como uma analítica transnacional foi desenvolvida em investigações realizadas por nós próprios – nomeadamente em torno da história do comunismo em Portugal na sua relação com o nacionalismo – e em investigações de outros colegas igualmente dedicados à história do Portugal Contemporâneo.

“PREC como evento mediático global. Uma reflexão a partir do caso espanhol”, Rita Luís (IHC – NOVA FCSH)

É objectivo deste artigo reflectir sobre o lugar que o PREC terá tido, a nível global, enquanto evento mediático, analisando, por um lado, as lógicas de transmissão de informação vigentes – e de que forma este evento as desafia, e, por outro, como encontrará nelas o seu lugar. Ou seja, a partir do caso espanhol pode-se inferir que regimes ditatoriais, mesmo quando baseados num forte sistema de controlo da informação através de mecanismos de censura, não se encontram, no

contexto ocidental, impermeáveis à “colonização informativa” imposta pelo *free flow of Information* (Mattelart & Mattelart, 1997), na prática o fluxo informativo unidireccional que caracterizava as relações Norte-Sul (Mesquita 2003; Pérez 1994) e que rege a disponibilidade informativa das áreas que se encontram sob o seu domínio. Aliás, como sublinha Kornetis (2009), os meios de comunicação são, sob as ditaduras do sul da Europa, coadjuvantes num processo de transferência cultural. Durante o PREC esta realidade de “colonização informativa” tornou-se evidente, nomeadamente através das tensões existentes entre agências e jornalistas e houve, também em Portugal, uma intenção – parte de um desafio global que será plasmado uns anos mais tarde nas propostas elaboradas no Relatório MacBride (1980) - de ser aproveitada a ocasião para uma tentativa de inversão do fluxo, consubstanciada na abertura de uma delegação em Lisboa da agência *Inter Press Service*. Tentativa que se diluiu em Portugal em consonância com a diluição das intenções a nível global. Contudo, um dos elementos que hipoteticamente transforma de forma mais determinante o PREC num evento mediático global foi a sua transfiguração em frame, ou seja, em janela de interpretação da realidade utilizada para ler outras situações. A experiência portuguesa torna-se, então, parte de um conjunto no qual se incluem, entre outras, a Revolução Russa, o Maio de 68 ou a II República Espanhola e a Guerra Civil que se lhe seguiu. Assim, e de forma não alheia à vigência deste fluxo informativo unidireccional, se por um lado, os acontecimentos portugueses são lidos pela imprensa estrangeira a partir de um ângulo autóctone, por sua vez “Portugalizar” será uma chave de leitura de situações políticas utilizada tanto em Espanha (Luís 2015) como em Itália (Gomes 2015).

“As Influências dos Ausentes”, Victor Pereira (*Université de Pau et des Pays de l’Adour*)

As polémicas à volta da *Histoire mondiale de la France* (Patrick Boucheron *et al.*, 2017), que ultrapassaram largamente o meio académico, focaram-se, em parte, nas influências que tiveram os fluxos imigratórios nos séculos passados, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Descrever como populações migrantes transformaram a sociedade francesa não é contudo uma novidade, sendo aliás um dos temas predilecto da historiografia novecentista em redor da “Guerra das raças” (galo-romanos vs. povos germânicos). Porém, os

discursos políticos sobre identidade nacional e um certo nacionalismo metodológico impediram, até os anos 1980, estudos históricos sobre a história da imigração em França.

A nossa comunicação não pretende no entanto focar-se sobre um país de imigração mas sobre um país de emigração : Portugal.

As saídas foram sobretudo construídas como uma perda para a nação (perda demográfica, perda de mão-de-obra, perda da “vitalidade” nacional, etc.). As influências que puderam ter pessoas que saíram do país na sociedade portuguesa apenas foram parcialmente estudadas : existem trabalhos sobre os “estrangeirados” – principalmente exilados e intelectuais – mas a própria conotação negativa do termo exprime as reticências perante o que é muitas vezes apresentado como um desvio, um “problema”. As mesmas reticências existem perante as casas dos emigrantes (desde o século 19) e outras circulações materiais ou imateriais.

Pretendemos sobretudo focar outras influências ou transformações propiciadas pela emigração dos anos 1960-70 e as suas consequências sobre o movimento operário e a evolução da legislação sobre a previdência social.

“El espejo internacional de la modernidad policial portuguesa”, Diego Palacios Cerezales (University of Stirling)

La policía portuguesa, desde que comenzó a escribir su historia en la década de 1940, se ha enfrentado a un dilema indentitario. Por una parte ha naturalizado la función policial en la sociedad, como si ésta fuera un elemento permanente de la vida portuguesa desde los orígenes de la nacionalidad. Según esta perspectiva, la policía habría existido siempre, con distintos nombres y bajo distintos ropajes. La policía sería así, un órgano de la nación. Al mismo tiempo, esta perspectiva permite a los publicistas policiales borrar el vínculo íntimo de la transformación policial con los cambios de régimen político y los sucesos revolucionarios.

Simultáneamente, la historia de la policía se presenta como una sucesión de iniciativas modernizadoras, en las cuales las imágenes de modernidad de una serie de sociedades de referencia, en especial Francia y Gran Bretaña, pero en determinados momentos también Alemania, Italia o España, sirven de inspiración y aspiración. Desde el siglo XVIII no hay reforma policial que no se argumente con referencia a las prácticas comunes en otros países. En esta comunicación se explora como la historia de la policía tiene que mantenerse atenta a la tensión entre estas dos dimensiones, la auto-comprensión nacionalista de la policía y su inserción en un marco transnacional de referentes de modernidad.

Riscos, Obrigações e Direitos: Re-pensar as relações entre Estado e Sociedade no Século XX Português em perspectiva transnacional, Pedro Ramos Pinto (University of Cambridge)

Uma das narrativas importantes, mas porventura menos exploradas, do séc. XX Português são as vagas de transformação na atribuição de responsabilidades sobre os riscos sociais entre a esfera estatal e privada. Riscos de saúde, pobreza ou desemprego tornam-se cada vez mais objetos de conflitos sociais e laborais, e entre monarquia liberal, República, estado novo e democracia são ensaiados vários modelos – desde o mutualista ao corporativo, passando pelo estatismo ao neo-liberalismo. Estas várias experiências vão criando uma manta de retalhos ou até uma sedimentação de lógicas e instituições responsáveis pela fragmentação do sistema de bem-estar do país.

Esta trajetória tem sido entendida e explicada primeiramente como uma história com enquadramento nacional. De certo modo, isto é compreensível: a questão dos direitos e obrigações sociais são relações de cidadania. No entanto, como nota Christoph Conrad, as políticas sociais contêm um paradoxo, sendo por um lado projetos essencialmente nacionais, senão de construção da nação em si mesma; mas por outro estão inescapavelmente ligadas a processos transnacionais como a circulação de modelos, da acção de organizações internacionais e conduzidas por peritos e ideólogos que são muitas vezes parte de redes e identidades políticas ou profissionais que cruzam fronteiras.

Esta comunicação procurará levantar algumas questões sobre a história das políticas sociais em Portugal que derivam de uma perspectiva transnacional, ligando as experiências locais a processos além-fronteiras como aqueles mencionados, bem como pensar o significado da experiência migratória e colonial em relação a estas mesmas políticas e à sua forma.